

A UTILIZAÇÃO DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (ABA) NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISMO- TEA*.

THE USE OF APPLIED BEHAVIOR ANALYSIS (ABA) IN THE LITERACY OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER- ASD. *

Autora: Ana Beatriz Costa Nascimento Alves **

Orientadora: Claudia de Oliveira Vale ***

INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR FRANCISCANO

RESUMO

A Análise do Comportamento Aplicada, mais conhecida como método ABA, é um meio no qual os professores e profissionais da saúde encontraram para facilitar a aprendizagem dos alunos com deficiências cognitivas. O seguinte trabalho expõe e explica como funciona o processo de alfabetização utilizando este método e como acontece sua eficácia, mostrando também os avanços conquistados ao longo dos anos por esse público que fica cada vez mais comum. É possível observar também que o método auxilia na aprendizagem do aluno trabalhando com os reforços positivos, método mais eficaz e conhecido como "aprendizagem sem erro". Este sistema envolve o alerta precoce e imediato do alvo, de modo que a resposta do aluno seja correta. O objetivo geral desse trabalho foi esclarecer e compreender o método da ABA e sua utilização no auxílio do processo de alfabetização da criança com transtorno do espectro autista na sala de aula de ensino regular. Alguns dos autores que embasaram este artigo foram Hassler (2009), Lovaas (1987) e Antenor de Oliveira (2018).

Palavras-chave: Transtorno do Espectro do autismo (TEA). Autismo. Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Alfabetização.

ABSTRACT

The analysis of applied behavior, better known as aba method, is a means in which teachers and health professionals found to facilitate the learning of students with cognitive disabilities. The following work exposes and explains how the literacy process works using this method and how its effectiveness happens, also showing the advances made over the years by this public that becomes increasingly common. It is also possible to observe that the method helps in the learning of the student working with positive reinforcements, the most effective method and known as "learning without error". This system involves early and immediate alerting of the target, so that the student's response is correct. The general objective of this work was to clarify and understand the ABA method and its use to aid the literacy process of children with autism spectrum disorder in the regular teaching classroom. Some of the authors who supported this article were Hassler (2009), Lovaas (1987) and Antenor de Oliveira (2018).

Keywords: Autism Spectrum Disorder (ASD). Autism. Applied Behavior Analysis (ABA). Literacy.

1 INTRODUÇÃO

A Análise Comportamental Aplicada ou Applied Behavior Analysis, cuja sigla é ABA, é uma ciência cujas intervenções derivam dos princípios do comportamento e possui como objetivo aprimorar comportamentos socialmente relevantes. Em

* Artigo científico apresentado ao curso de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior Franciscano para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

** Graduanda do 8º período do Curso de Pedagogia pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano.

*** Mestre em Educação, pelo Programa de Pós Graduação em Educação - PPGE/UFMA, Especialista em Educação Especial, Inclusão e Libras pela Uniasselvi, Pedagoga, pela Universidade Federal do Maranhão. Professora do Instituto de Ensino Superior Franciscano - IESF. Orientadora deste trabalho de Conclusão de Curso.

outras palavras, ensinar habilidades que façam diferença na vida dos indivíduos que compõem uma sociedade e para que eles sejam capazes de acessar itens, atividades e ambientes que promovam o seu bem-estar, se tornem independentes e capazes de participar de grupos sociais importantes.

O primeiro estudo em ABA é datado de 1949. Portanto, essa área de investigação científica possui mais de 70 anos e vem produzindo tecnologias capazes de promover o ensino de habilidades a diferentes populações. Especificamente para o tratamento do transtorno do espectro autista - TEA, intervenções eficazes em diminuir déficits comportamentais estão documentados em centenas de estudos revisados por pares publicados nos últimos 50 anos, fato esse que tornou a ABA o padrão de atendimento para o tratamento de indivíduos com diagnóstico de TEA.

O transtorno do espectro do autismo (TEA), mais conhecido pelo nome autismo, nomeado em 1908 por pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de suporte que necessitam — há desde pessoas com outras doenças e condições associadas (coocorrências), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, com vida comum, algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico.

A análise do comportamento aplicada (ABA), auxilia na aprendizagem do aluno trabalhando com os reforços positivos, método mais eficaz e conhecido como “aprendizagem sem erro”. Este sistema envolve o alerta precoce e imediato do alvo, de modo que a resposta do aluno seja correta. Uma vez que o aluno esteja familiarizado com o comportamento alvo, de modo que a resposta do aluno esteja correta.

Essas instruções imediatas garantem o sucesso. Uma vez que o aluno esteja familiarizado com o comportamento alvo, a solicitação é sistematicamente diminuída até que o aluno seja capaz de responder corretamente por conta própria.

O ABA poderá ajudar essa criança a desenvolver comportamentos sociais, como a comunicação funcional. Além de comportamentos acadêmicos que ajudam o aluno a ler, escrever e aprender matemática. Mas, o mais importante é que com os estímulos e as instruções, os comportamentos agressivos, as autolesões, as agressões verbais, e as fugas são reduzidas, ajudando a criança a ter uma vida mais saudável, podendo assim, ter um bom desenvolvimento e convívio social, deixando de ficar isolado e sendo discriminado.

Nesse contexto, uma intervenção em ABA não se restringe a um conjunto de intervenções que são aplicadas de forma uniforme a diferentes indivíduos e sim um vasto conjunto de tecnologias que devem ser utilizadas para compor uma intervenção individualizada, com revisões constantes para o estabelecimento e restabelecimento de novas metas e objetivos.

Este trabalho torna-se importante porque contribui para a melhoria da sociedade e desenvolvimento de pais e filhos que apresentem algum tipo de deficiência intelectual e buscam meios de ajudar seus filhos a ter um melhor desenvolvimento cognitivo e social, através do método A.B.A, que ajuda na interação social da criança.

Para a realização deste trabalho, foi feito a interpretação de alguns documentos para entender como de fato acontece a educação para crianças

autistas e como se dá esse direito. A Lei Berenice Piana (12.764/12) que criou a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que determina o direito dos autistas a um diagnóstico precoce, tratamento, terapias e medicamento pelo Sistema Único de Saúde; o acesso à educação e à proteção social; ao trabalho e a serviços que propiciem a igualdade de oportunidades. Para isso foi necessária a análise de alguns documentos que tratam da área educacional, mais precisamente a área da Educação Inclusiva. Entre eles, pode-se brevemente mencionar alguns: Declaração de Salamanca, Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

2 AUTISMO E MÉTODO ABA

Na educação inclusiva, a escola precisa estar preparada para enfrentar os desafios e necessidades de oferecer uma educação com qualidade para todos os seus alunos. Torna-se fundamental que a educação com qualidade considere que, cada aluno numa escola, demonstra características próprias no ritmo de aprendizagem, na diversidade de interesses e no conjunto de valores e informações que os tornam únicos e especiais.

Partindo da premissa de que todo comportamento pode ser explicado pela identificação da sua causa e de suas consequências, compete ao analista do comportamento de uma criança autista ensinar comportamentos alternativos que possam provocar as mesmas consequências que o comportamento inapropriado provocava, já que tais comportamentos interferem no desenvolvimento e na interação dessa criança.

Para isso, deve identificar as habilidades apresentadas pela criança e as que ela precisa aprender, envolvendo um ensino intensivo e individualizado para novas habilidades (BRAGAKENYON, KENYON; MIGUEL, 2005).

Atentar para as dificuldades e facilidades da criança em aprender. Tudo deve ser planejado de acordo com estilo de aprendizagem de cada criança, demonstrado pelos dados. Os dados são registros de como a criança está respondendo a cada programa; Por exemplo, se ela acertou ou errou perguntas, se precisou de ajuda [...]. Esse número em geral se transforma em gráficos que serão usados para pelo analista do comportamento para tomar decisões continuamente em relação ao sucesso de sua intervenção (FAZZIO,2012,p.15).

A análise do comportamento aplicada, ou ABA é uma abordagem da psicologia que é usada para a compreensão do comportamento e vem sendo amplamente utilizada no atendimento a pessoas com desenvolvimento atípico, como os transtornos invasivos do desenvolvimento (TIDs). (LEAR, 2004) De acordo com Anderson (2007), a metodologia ABA.

É o uso científico dos princípios da abordagem comportamental para desenvolver, manter e aumentar comportamentos desejados e diminuir comportamentos indesejados. Envolvendo uma serie de diferentes estratégias, que podem ser utilizadas em variadas situações para modificar ou ensinar novos comportamentos. (ANDERSON,2007,p.10).

A Análise do comportamento aplicada (ABA) é uma sigla da língua inglesa que significa Applied Behavior Analysis, ou, análise do comportamento aplicada. O método é a forma de intervenção mais bem-sucedida para crianças com algum desenvolvimento atípico, por isso é indicado àquelas com transtorno do espectro autista. Este método busca trabalhar o impacto da condição autista em situações reais. O objetivo principal é fazer os comportamentos desejáveis e úteis serem

ampliados e diminuir aqueles que são prejudiciais ou que estão afetando negativamente o processo de aprendizagem.

O método ABA tem suas origens nos Estados Unidos, especificamente na pesquisa realizada pelo doutor norueguês em psicologia clínica Ole Ivar Lovaas (1927-2010), trabalhando no Departamento de Psicologia da Universidade de Los Angeles (Califórnia) em 1987. Lovaas (1987), que é considerado um dos fundadores da terapia eficaz para o autismo, demonstrou que comportamentos em crianças com transtorno do espectro do autismo (ASD) podem ser modificados por meio de seu método ABA. Em seu estudo, ele mostrou que a maioria das crianças que são tratadas com esse método pode se beneficiar significativamente. Hewitt (2006) mostra que o termo autismo foi mencionado e descrito pela primeira vez pelo médico austríaco Léo Kanner em 1943, no artigo denominado Distúrbios Autísticos no Contato Afetivo, realizado a partir do estudo de um grupo de onze crianças com comportamentos diferentes das outras que, mesmo com aparência física normal, demonstravam um quadro de isolamento extremo, obsessão por preservação das coisas que os cercava e também por determinados objetos em especial, mutismo ou linguagem sem intenção de se comunicar, hipersensibilidade a estímulos e ótima memória. De acordo com o Manual Autism Speaks (2011), a Análise do Comportamento é a ciência que fornece conhecimentos cientificamente comprovados sobre como e porque o comportamento ocorre.

Segundo o Manual “quando esta pesquisa é utilizada para melhorar o comportamento socialmente significativo, considera-se que é aplicada” (p. 34). Camargo e Rispoli (2013) abordam que a ABA também pode ser “definida como uma tecnologia que é aplicada em situações de vida reais, onde comportamentos apropriados e inapropriados podem ser melhorados, aumentados ou diminuídos” (RISPOLI, 2013, p.642).

Para destacar a importância e os desafios da utilização do método ABA no processo de inclusão do aluno autista na rede regular de ensino, inicialmente, é preciso enfatizar algumas situações considerando esse processo de inclusão. Primeiramente cabe dizer que a Constituição da República, de 1988, institui a educação como um direito essencial e que o Estado deve assegurar a efetivação da sua prestação e também universalização, que fica evidente nos Arts. 205 a 208 da Carta Magna, que definem as questões fundamentais desse direito.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...]

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. (BRASIL, 1988, Arts. 205 a 208)

Desta forma, fica claro que a lei atua em favor de todos, em suas necessidades, garantindo-lhes serviços de apoio especializado para que a inclusão possa ocorrer de fato. Assim, pode-se destacar também um importante documento que garantiu ainda mais conquistas para a Educação Inclusiva, a Declaração de Salamanca (Unesco, 1994). A partir dessa declaração, os sistemas de ensino

começaram a garantir o direito universal à educação e, ainda, a igualdade do acesso. Ou seja,

as escolas inclusivas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades (Unesco, 1994, p. 21).

O acompanhamento do autista com a aplicação do método ABA demanda o ensino individualizado e intensivo das competências essenciais para que a pessoa possa se tornar independente conquistando assim, cada vez mais, uma melhor qualidade de vida. Desse modo, as habilidades trabalhadas envolvem os comportamentos sociais, a comunicação funcional e o estabelecimento de contato visual. Ainda, engloba as práticas acadêmicas em especial a leitura, escrita, matemática e a higiene pessoal. Além disso, o tratamento comportamental inclui a redução de comportamentos como agressões verbais e não verbais, fugas, as estereotípias e autolesões tendo em vista que esses comportamentos influem não somente na integração do autista, mas no seu desenvolvimento

Esta metodologia é geralmente aplicada individualmente, e requer um certo comprometimento de tempo intenso, de pelo menos 9 horas semanais, embora o ideal seja fazer terapia entre 20 e 40 horas a semana. Leva muito tempo para otimizar o aprendizado realizado no contexto da terapia e ser capaz de cobrir o maior número possível de habilidades para trabalhar.

Por ser uma deficiência cognitiva, ou seja, sujeita a criança a ter maior dificuldade ao executar um ou mais tipos de tarefas mentais do que uma pessoa com capacidade mediana, há a necessidade de um profissional qualificado, o tutor, que auxilie a criança nas atividades desenvolvidas em sala de aula, desconstruindo estereotípias, mais conhecidas como auto estimulação (comuns nos casos de autismo) e direcionando para aquilo que está se desenvolvendo na sala. Mas, não só o tutor, como também o professor, deve ser devidamente qualificado, preparado e orientado para receber esse público cada vez mais comum nas salas de aula.

Além disso, intervenção precoce pode reduzir sintomas. A Neuroplasticidade refere-se à capacidade do cérebro de mudar, se adaptar e desenvolver novas conexões sinápticas entre os neurônios. Entretanto, apesar de ser possível a criação de novas conexões neuronais em indivíduos adultos, o cérebro é mais plástico até a idade de cinco anos.

Além de a plasticidade ser maior nos primeiros anos de vida, acontece também nessa época um fenômeno importante chamado “poda neuronal”. Tal fenômeno pode ser brevemente descrito como um momento em que o cérebro “descarta” os neurônios que até então não se desenvolveram ou não estavam sendo utilizados de maneira adequada. Uma das primeiras podas neuronais ocorre na primeira infância, coincidindo, muitas vezes, com a época em que os pais relatam regressão e perda de habilidades por parte de seus filhos. Ou seja, os pais podem relacionar a regressão a causas ambientais e ela ter causas neurológicas. De qualquer forma, perdas de habilidades, em qualquer tempo, não podem ser desconsideradas. Mais que lamentar por elas, os pais devem vê-las como um sinal que está ali para mostrá-los que algo não está bem, precisa ser investigado e requer tomada de providências.

Considerando todos esses fatores (podas neuronais e plasticidade cerebral), a época em que as intervenções são iniciadas faz muita diferença: quanto mais cedo, melhor.

3 O PAPEL DO PROFESSOR

No contexto escolar, o educando autista apresenta alguns desafios específicos que devem ser considerados pelo docente e por toda a equipe pedagógica, no intento de viabilizar a aprendizagem, o desenvolvimento e a progressão do educando. Dentre estes desafios, Lear (2004) destaca:

Comunicação – Apresenta pequena ou nenhuma linguagem (fala e compreensão);

Habilidades sociais – Evita totalmente o contato social;

Habilidades para brincar – Falta exploração e manuseio dos brinquedos, tomando-se obcecada somente por um brinquedo;

Processamento visual e auditivo – Sensibilidade com sons e estímulos visuais, que podem ser bem perturbadores;

Autoestimulação – Movimentos repetitivos que são reconfortantes, como por exemplo abanar as mãos;

Reforçadores Incomuns – Elogios e aprovação podem não ser eficaz para crianças atípicas;

Dificuldade em aprender pela observação do outro – Dificuldade com o aprendizado incidental ou ambiental;

Aprendizado mais lento – O seu ritmo de aprender é mais lento do que o de outras crianças típicas. Foco e atenção é um grande desafio. (LEAR, 2004)

O professor tem sido desafiado todos os dias a se reinventar e descobrir meios de facilitar a aprendizagem do seu aluno, visto que ele precisa socializar e interagir com seus colegas no meio escolar. Além disso, nota-se que há um grande déficit quanto à alfabetização desse alunado, por falta, muitas vezes, de informação, formação e estudo por parte do professor. Como é visto em *Educação Especial: das práticas pedagógicas à perspectiva de inclusão* (2015), há grandes desafios a serem vencidos pelo professor de ensino regular, pois não é fácil trabalhar em uma turma que tem alunos com necessidades diferentes.

Um grande problema vivenciado pelos professores é a falta de estrutura nas escolas para receber esse público cada vez mais comum nas salas de aula e na maioria das vezes o professor não consegue executar com êxito aquilo que é proposto. Antenor de Oliveira (2018) destaca que é preocupante o fato de muitas escolas ainda não assegurarem uma educação de qualidade e ter uma prática que é mais excludente que inclusiva. Grande parte das escolas não apresentam condições didático-pedagógicas satisfatórias para atender todas as crianças, além de discriminarem também os marginalizados. Não é uma tarefa fácil para escola e muito menos para o professor, mas estes têm demonstrado que vale a pena vencer esse desafio, pois a inclusão é responsabilidade de todos.

A formação do educador que atua na educação especial e inclusiva, precisa ir além da presença de professores em cursos que visem mudar sua ação no processo ensino-aprendizagem, sendo necessário que essa formação se torne contínua, chamada de auto formação. Este ato educativo está centrado na diferenciação curricular inclusiva, a procura de vias escolares diferentes para dar resposta à diversidade cultural, implementando uma práxis que contemple diferentes metodologias que visualizem os ritmos e estilos de aprendizagem dos alunos. A

formação continuada dos professores é mais que necessária para o desenvolvimento cognitivo deste público, visto que seu papel é de sinequanon importância na formação destes alunos.

Quando se avalia o papel do professor em meio a esse assunto, nota-se que as intervenções pedagógicas na sala de recursos multifuncionais ratificam o pretense caráter democrático da escola e suas virtudes equalizadoras, justificando a ordem estabelecida ao dar margem para alguma desestigmatização ou desrotulação consentidas, é o que aborda *Giovanni (2017)*. Apesar de ser primordial que a escola e a equipe gestora ofereçam estrutura e recursos para se desempenhar um bom trabalho é de suma importância que o profissional seja ele quem for (professor, pedagogo, estagiário, entre outros) tenha interesse em estar em constante aprendizagem, porque esta é a condição primordial para ser um profissional da educação. No entanto, como é abordado em *Inclusão escolar: conquistas e desafios (2016)*, cabe ao sistema também realizar mais formações e preparar o profissional, não basta somente ter as leis que protegem e inserem a criança deficiente no ensino regular se não tem profissional preparado nem adequado para isso.

Foi percebido que mesmo com estudos de diferentes autores, há ainda a necessidade de mais pesquisas voltadas para o aprimoramento da aplicação do ABA e melhores maneiras de atender às crianças autistas visto que cada ser é único e apresenta suas particularidades o que faz com que tanto professores quanto os pais ou os demais envolvidos com a criança autista, apresentem muitas dificuldades em desenvolver esse método que demanda estudo, avaliação e elaboração de procedimentos muito enriquecedores porém, com intervenções aplicadas de maneira correta.

Dessa forma, por meio dos diferentes autores e suas defesas sobre a aplicação do ABA, ficou evidente a eficácia do método como uma possibilidade para famílias e professores que se veem na necessidade de auxiliar essa criança. Ainda cabe dizer que, se aplicada de maneira correta, seguindo os passos, respeitando a individualidade da criança, conseguirá permitir uma qualidade de vida cada vez melhor para a criança e sua família.

No contexto escolar, o ABA permite planejar intervenções para a melhoria dos prejuízos do TEA não somente na escola, mas também, na vida social do indivíduo. O método pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociais, como o contato visual, a comunicação funcional, além de comportamentos acadêmicos que são pré-requisitos para leitura, escrita e matemática.

4 APLICANDO O MÉTOFO ABA EM SALA DE AULA

Como já falado anteriormente, o método trabalha o comportamento das crianças com TEA e por isso, há algumas estratégias que podem ser postas em prática no dia a dia em sala de aula, para auxiliar no aprendizado desses estudantes. Podemos citar algumas delas, como: Estímulos visuais. Para aplicar essa estratégia podemos colocar cartazes nas paredes da sala de aula com os direcionamentos de cada tarefa e atividade, sempre acompanhadas de ilustrações. Então, quando a criança precisar realizar alguma tarefa ou atividade, direcione a essas programações visuais. E quando o estudante for adolescente, pode ser feita uma lista de tarefas.

O Reforço positivo também é muito importante, o professor deve sempre reforçar as regras para os estudantes de modo claro e, para que se obtenha resultados, o professor pode oferecer mimos e brindes para a criança cada vez que ela cumprir alguma regra. Na representação em sala de aula, o professor pode usar

o ambiente ao seu favor, configurando um ambiente propício para certos comportamentos e atitudes. O professor pode facilitar o uso dos materiais que serão utilizados, deixando-os mais acessíveis, inibir as áreas que podem causar perturbação ou serem perigosas para a criança, facilitar o trânsito do estudante até sua carteira, entre outras estratégias. Nesse caso, o professor precisará de planejamento. Essa estratégia pode estar aliada ao primeiro tópico dos estímulos visuais, inserindo as dicas visuais de comportamento nos cartazes.

Na Antecipação o professor pode preparar o conteúdo para pré-ensinar o estudante antes da aula. Se a disciplina depender de algum material extra, apresente-o com antecedência, para que o aluno já vá se familiarizando com o conteúdo. Essa estratégia de antecipação também funciona com períodos do dia, como a saída ao recreio, o professor pode orientar o estudante sobre as regras e quais são os comportamentos esperados para aquela situação.

Ao atribuir tarefas em sala, deixar com que o estudante se sinta importante, atribuindo uma tarefa a cada aula, escolher um ajudante do dia. O estudante pode ajudar o professor a entregar alguma folha de atividade para os colegas, entre outras tarefas. É importante que o professor acompanhe e monitore cada estratégia posta em prática em sala de aula, a fim de constatar o que está funcionando ou não, se o estudante está se desenvolvendo ou não. Assim, o professor consegue aprimorar suas estratégias e manter ou excluir alguma delas.

Em sala de aula, o professor deve atentar-se quanto às necessidades de seus estudantes, e quando se trata de uma criança ou adolescente com transtornos do espectro autista, a atenção deve ser redobrada. A instituição de ensino, juntamente com pais, responsáveis e professores, deve acompanhar esse estudante e verificar se alguma modificação no ensino será necessária, como ajustes no material didático, priorizar algum conteúdo específico para a aprendizagem e/ou a elaboração de um currículo didático e pedagógico paralelo. É importante a parceria de um analista do comportamento nas escolas para auxiliar os professores.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

A seguinte pesquisa tem caráter explicativo, por isso, é realizada como uma tentativa de conectar ideias, para compreender as causas e efeitos de determinado fenômeno. Por meio da pesquisa explicativa se busca esclarecer o que está acontecendo. Segundo Gil (2007), este tipo de pesquisa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Ainda, a pesquisa explicativa segundo Gil (2007, p. 43), pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado. Ainda, seguimos Gil (2019) que afirma que as pesquisas explicativas têm como propósito identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos. Estas pesquisas são mais estruturadas do que as demais pesquisas com os demais alcances e, de fato, envolvem os propósitos destes (exploração, descrição e correlação ou associação), além de proporcionarem um sentido de entendimento do fenômeno a que fazem referência.

Para realização deste trabalho, foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica, como revisão de literatura, através de livros digitais e impressos, documentos oficiais encontrados no Google acadêmico, revistas e artigos científicos, sempre buscando atender os objetivos que são analisar todo valor e todo desafio da utilização do método ABA com o objetivo de incluir crianças autistas na rede regular e básica de ensino e também como definir a origem e o conceito do termo autista-

autismo, e compreender a utilização de tal método e seus processos de aplicação e desenvolvimento. Dessa forma, cabe esclarecer que a metodologia de pesquisa bibliográfica procura investigar e analisar um problema através de referenciais teóricos avaliando, discutindo e refletindo acerca das diversas contribuições científicas.

Desse modo, a pesquisa bibliográfica oferecerá todo suporte para compreensão sobre o tema abordado. Salomon (2004) destaca ainda que para o desenvolvimento de todo o processo da pesquisa bibliográfica é necessária uma procura programada de informações bibliográficas buscando organizar e documentar o trabalho.

De tal forma, é possível falar que o presente trabalho foi realizado em fases, da preparação por meio de estudos e leituras a respeito do tema que permitiu elaborar o corpo do trabalho e a definição do que seria pesquisado dentro do assunto principal, a fase da realização e demais anotações do que foi considerado relevante frente ao que foi pesquisado com as devidas anotações de suas referências bibliográficas e a fase da comunicação que envolve a produção da redação do trabalho.

Portanto, cabe enfatizar ainda que este artigo está embasado teoricamente nos fundamentos e informações científicas de autores renomados na área em estudo, de Análise do Comportamento Aplicada (ABA) envolvendo a questão da temática da inclusão do aluno autista sendo eles: Lear (2004), Hewitt (2006), Mello (2007), Schwartzman (2003), Da Silva (2003). Nessa perspectiva, o artigo foi organizado da seguinte forma: o levantamento, a descrição e explicação sobre a origem e conceito do termo autista e sem seguida, foi descrita, analisada e explicada a importância e os desafios do método ABA na inclusão de alunos autistas e o papel do professor nesse desenvolvimento. As fontes da pesquisa bibliográfica são livros, artigos, teses, dissertações e monografias. A complexidade deste tipo de pesquisa advém exatamente do fato de seu objetivo não ser apenas registrar, analisar e interpretar os fenômenos estudados, mas identificar suas causas, por meio da análise de documentos e explicar de que forma o método abordado funciona e como tem ênfase nas salas de aula no auxílio do público com TEA.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O transtorno do espectro autista identificado também pela sigla TEA, é uma deficiência intelectual ou cognitiva, ou seja, é um termo que se usa quando uma pessoa apresenta certas limitações no seu funcionamento intelectual, para aquisição da aprendizagem e no desempenho de tarefas como as de comunicação, cuidado pessoal e de relacionamento social.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5 (referência mundial de critérios para diagnósticos), pessoas dentro do espectro podem apresentar déficit na comunicação social ou interação social (como nas linguagens verbal ou não verbal e na reciprocidade socioemocional) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, como movimentos contínuos, interesses fixos e hipo ou hipersensibilidade a estímulos sensoriais. Todos os alunos com autismo partilham estas dificuldades, mas cada um deles será afetado em intensidades diferentes, resultando em situações bem particulares. Apesar de ainda ser chamado de autismo infantil, pelo diagnóstico ser comum em crianças e até bebês, os transtornos são condições permanentes que acompanham a pessoa por todas as etapas da vida.

Pensando nisso, o professor, que recebe esse público nas suas salas de aula precisa estar preparado para realizar a estimulação correta da criança, para que o processo de alfabetização.

Neste trabalho, foi possível compreender que o método ABA pode ser feito em casa, na escola, em clínicas e até em espaços compartilhados, o ABA não só pode, como precisa ser trabalhado além do consultório. Uma das formas de estimular a criança a ter interesse naquilo que está sendo trabalhado é o ato de reforçar positivamente, que é uma espécie de sistema de recompensas. No reforço positivo, a pessoa é estimulada através de recompensa a cada nova conquista. Essas recompensas pretendem fazer com que a criança se sinta motivada a melhorar e repetir os bons comportamentos.

A família e a escola precisam entender e conduzir suas interações com o autista utilizando o método ABA, por isso, o ambiente do lar e de estudos devem ser aliados nisso e como é trabalhar do método ABA e a sua importância na alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). É importante ressaltar que é um público cada vez mais comum nas salas de aula, por isso os professores precisam e devem estar sempre estudando e se atualizando para ajudar o seu aluno a progredir da melhor forma.

Através desta pesquisa, pode-se perceber um longo caminho com muitas dificuldades e desafios, porém, também vimos possibilidades de aprendizado que podem superar expectativas. Assim, deve-se salientar que mesmo sendo um desafio e muitas vezes uma experiência nova para a família, o professor e a escola de maneira geral, é possível que o processo de inclusão de crianças autistas na rede regular de ensino assim como, no seu meio social aconteça de fato.

Dessa forma, a partir desse entendimento, foi analisado que o método ABA é um dos métodos mais eficazes e mais utilizados na intervenção do desenvolvimento comportamental do autismo, podendo ser utilizado tanto nas escolas quanto em casa pela família. Apesar de o autismo não ter cura, esse recurso pode ajudar as crianças com essa síndrome contribuindo no seu avanço na aprendizagem de maneira que além do pedagógico, pois envolve seu desenvolvimento integral visando ganho de autonomia para agir no meio em que vive.

Com isso, esta pesquisa buscou apresentar a origem e conceitos de diferentes autores quanto ao termo autista, bem como e especialmente compreender a importância do método ABA como para o desenvolvimento da criança tendo em vista que é necessário a compreensão dessa terminologia e um estudo aprofundado das suas características assim como de uma sondagem e avaliação integral de cada criança em todas as áreas de desenvolvimento. Quanto ao conceito do termo autismo, pode-se afirmar que, entre os autores analisados, prevalece a definição de que se trata de uma síndrome do comportamento caracterizada por distúrbios do desenvolvimento que interferem nas disfunções das habilidades sociais, físicas, linguísticas e nas áreas de comunicação e interação.

Portanto, o método ABA, mesmo sendo casos específicos e bem singulares, proporciona que uma criança com autismo possa se relacionar com os colegas, estudar em rede regular de ensino com suas adequações curriculares, conquistar diferentes habilidades e exercer atuação com autonomia no seu meio social. Assim, cabe a professores e pesquisadores, como transformadores e influenciadores, o levantamento de estudos e ainda mais pesquisas que possam influenciar ainda mais, auxiliar e despertar sobre as possibilidades do trabalho com

crianças autistas, para que seus direitos sejam respeitados e garantidos, visando melhor qualidade de vida e um desenvolvimento mais significativo.

REFERÊNCIAS

BRAGA-Kenyon, P.; KENYON, S. E.; MIGUEL, C.F. **Análise do Comportamento Aplicada (ABA): um modelo para a educação especial**. In: CAMARGOS Jr, W. et al. Transtornos Invasivos do Desenvolvimento: 3º Milênio. 2 ed. Brasília: CORDE, 2005. Disponível em: <

<http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wpcontent/uploads/2012/07/An%C3%A1lise-do-comportamento-aplicada.pdf> > Acesso em: 15 set . 2022.

GONCALVES, Silvio Ferreira Passos. **As contribuições do método ABA para o desenvolvimento cognitivo e pedagógico da criança com autismo**. Acesso em: 31 de outubro.

HEWITT, S. **Compreender o Autismo. Estratégias para alunos com autismo nas escolas regulares**. Porto: Porto, 2006.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.

SILVA FILHO, Raimundo Barbosa. Educação Especial: da prática pedagógica à perspectiva da inclusão. **Educação por escrito**, Porto Alegre, v. 6, n.2, p. 353-368, jul-dez. 2015

SILVA NETO, Antenor. Educação Inclusiva: uma escola para todos. **Revista Educação Especial**. V. 31| N°60| p. 81-92| Santa Maria. jan./mar 2018

DIAS, Nadla dos santos. **Estratégia de intervenção no desafio da inclusão no âmbito escolar, na perspectiva da análise do comportamento**. 2017. Acesso em: 24 de outubro.

ZANATA, Camila. Inclusão escolar: conquistas e desafios. **Cadernos de educação; ensino e sociedade**. Bebedouro-SP, 3 (1): 15-30, 2016

GERALDO, Ana Paula. Inclusão Escolar: uma realidade inacabada. **EDUCERE, XIII Nacional de Educação**, 2017.

PAPA, Fernanda. Inclusão: uma mudança no olhar da comunidade escolar para a construção de uma escola melhor inclusiva. **Boas práticas na perspectiva da Educação Especial Inclusiva**. V. 1, 2015

ANDERSON, S. R.; AVERY, D. L.; DIPIETRO, E. K.; ELLETRE, K.; EDWARDS, G. L. e cols. **Intensive home-based early intervention with autistic children. Education and Treatment of Children**. v. 10, n° 4, p. 352-366, 1987.

DA SILVA, Oscar Celestino. **O planejamento escolar e sua importância para o processo da inclusão/integração com pessoas com necessidades especiais.** 2015

FAZZIO, D. **O Verdadeiro ABA: Um Programa Público Modelo de Intervenção Comportamental Precoce Para Crianças Com Autismo.** Revista Autismo. n. 2. Abril, 2012. Disponível em: Acesso em: 07 de novembro.

O que é autismo: MARCOS HISTÓRICOS. **AUTISMO e Realidade.** Disponível em: <<https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/marcos-historicos>. Acesso em: 15 set. 2022.

SANTIAGO, Mylene Cristina. Planejamento de estratégias para o processo de inclusão: desafios em questão. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 485- 502, abr/jun. 2015

RIBEIRO, Elza Maria Alves, Blanco, Marília Bazan. **Um estudo sobre as propostas de intervenção com crianças autistas em sala de aula.** Acesso em: 02 de outubro.